

ALTERIDADE E AUTORIA NO CENÁRIO DA EAD: A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO PROFESSOR CONTEUDISTA NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Mogi das Cruzes – SP – Maio/2014

Prof.^a Ma. Cristiane Paniagua de Souza Palaro (UMC) – cristianepaniagua@umc.br

Prof.^a Ma. Jacqueline de Oliveira Lameza (UMC) – jacquelinelameza@umc.br

Categoria: B

Setor Educacional: 3

Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD

Nível Macro: D / Nível Meso: L / Nível Micro: M

Natureza do Trabalho: A

Classe: 1

Resumo

Este trabalho pretende discutir a qualidade do material de EaD, tendo em vista a necessidade de capacitação profissional do Professor Conteudista, em razão dele desconhecer essa modalidade de ensino. Para tanto, ao produzir, o docente elabora o seu discurso intencional capaz de externalizar a autoria e alteridade em seu dizer. Reflexões realizadas durante esse trabalho comprovaram a carência de profissionais especializados em EaD e que o professor, quando capacitado, é capaz de alinhar o seu conteúdo aos interesses do corpo discente resultando numa aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Educação a Distância; Professor Conteudista; Autoria; Alteridade e Discurso.

1. Considerações Iniciais

Políticas públicas educacionais investigam e trazem à tona, desde outrora, infindáveis problemas que assolam as três dimensões da educação brasileira, problemas esses considerados verdadeiros enteveros justificados pelo desequilíbrio social, econômico e político, razões suficientes para gerar dados estatísticos que engrossam os índices de baixa frequência, evasão e inacessibilidade do ensino superior que, por sua vez, geram índices de comprovação da falta de qualificação profissional no nosso país.

Muito embora seja o Ensino Superior considerado o “marco zero” da discussão proposta nesse trabalho, pretende-se nesse instante, “girar” os holofotes em direção à Educação a Distância, uma modalidade de ensino que ainda vivencia a sua “adolescência”, muito embora tenha galgado um lugar expressivo no “oceano” educacional aos vencer barreiras preconceituosas, trazendo à sociedade inúmeras vantagens apontadas aqui, a título de exemplo, a diminuição do desequilíbrio social e cultural, viabilizando também a qualificação profissional do indivíduo, tão exigida e imposta pelo mercado de trabalho contemporâneo.

Nesse contexto, de um modo geral, objetiva-se discutir a forma como se dá a alteridade e a autoria do Professor Autor, também conhecido como Professor Conteudista, tendo em vista a necessidade de representar-se profissionalmente ao transmitir conhecimentos por intermédio do seu discurso representado, em língua, e materializado de acordo com a forma escrita, porém adaptada à dialógica, a fim de que possa promover uma aprendizagem satisfatória ajustada ao interesse do aluno.

Diante disso, têm-se como objetivos específicos: a) conscientizar o Professor Autor fazendo-o compreender a necessidade de (re) alinhar a produção de material da EaD à carência e interesse do público-alvo; b) analisar as possibilidades que o Professor Autor tem de promover o processo de ensino/aprendizagem diferente do ensino presencial; c) reconhecer a importância da alteridade e da autoria no discurso do Professor Conteudista.

Na intenção de perseguir tal proposta e, com isso, navegar por entre mares ainda pouco explorados na Educação a Distância, pergunta-se:

Quais são as dificuldades enfrentadas pelo Professor Autor ao produzir um material didático voltado à EaD, tendo em vista a dificuldade de fazer um diagnóstico do corpo discente? Sendo a escrita a materialização do discurso acadêmico produzido pelo Professor Autor, ao colocar em prática o seu *querer-dizer* intencional de que forma ele desenvolve a sua alteridade e sua autoria tendo como ferramentas a tecnologia a seu favor?

Ao embarcar nesta perspectiva, pressupõe-se que: i) o *dizer* do professor e o *absorver* do aluno EaD nem sempre compreende uma interação considerada satisfatória; ii) o Professor Conteudista que não coloca em prática o seu *querer-dizer* intencional lapidado de acordo com maneiras diferentes de se *dizer* o conteúdo, não promoverá uma interação virtual significativa não provocando a adesão do seu público-alvo; iii) o Professor Conteudista precisa adaptar o seu discurso à linguagem dialógica e aos recursos tecnológicos para que a comunicação possa basear-se na eficácia da interação virtual; iv) sendo a escrita considerada uma “ginástica” expressiva do discurso docente, ao elaborar o material em formato de texto representado em língua, ele precisa colocar em ação a sua subjetividade (des) construindo sua memória conteudista, travando diálogos entre a sua singularidade e a relação dependência com o outro, ou seja, a sua alteridade; v) Na condição de detentor do saber, a autoria do material de EaD representa, para o Professor Conteudista, uma relação de cumplicidade baseada na interação de sua subjetividade com o sujeito docente, ali representado no material a ser consumido pelo aluno.

A Educação a Distância proporciona ao Professor Conteudista uma experiência um tanto quanto diferente da arte de ensinar vivenciada no ensino presencial, uma vez que o corpo discente não é constituído de forma real a ponto de cooperar com a construção do conhecimento costumeiramente presente em sala de aula. Por este motivo, é preciso que o docente da EaD junte à produção uma interação representativa, ou seja, prevendo, inclusive, possíveis dúvidas dos alunos.

Tida como imprescindível para a realização desse trabalho sentiu-se a necessidade de se realizar várias pesquisas, reflexões e indicações dos

postulados teóricos de Levy(1999); Moscovici (2007); van Dijk (2008); Matos & Scharpf (2011); Orlandi (2008); Maingueneau (2008); Amossy (2005); Schons (2005) e Fairclough (2008), assim como artigos científicos publicados em anais de congressos, a fim de que se pudesse contribuir cada vez mais com a capacitação do docente produtor de material para a EaD.

2. Professor Conteudista no Comando de sua Subjetividade

Conforme foi mencionado anteriormente, o Professor Conteudista encontra-se, muitas vezes, perdido e sem saber como fazer para elaborar um material de EaD eficaz e eficiente, a ponto de provocar a adesão do seu público discente e, como resultado, um aprendizado satisfatório do aluno ao produzir materiais mais interativos e dialógicos.

Por mais que a EaD seja estruturada de acordo com a veiculação de conhecimentos ocorrida por intermédio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), esse profissional docente precisa conscientizar-se de que, atrás de uma telinha existe um aluno que precisa compartilhar conhecimentos desconhecidos por ele, o que poderá gerar inúmeras dúvidas e questionamentos que, naquele instante, não poderão ser respondidos, pois ele vivenciará uma outra interação virtual, mediada pelo Tutor EaD.

Diante disso, reafirma-se que o material elaborado pelo Professor Autor precisa ser o mais completo possível, ou seja, todo o conteúdo em construção precisa ser cercado pela maior quantidade de informações possíveis, a fim de que não surjam lacunas capazes de consolidar certa insegurança no aluno ao vivenciar o seu instante de aprendizagem.

Para que seja possível ajustar o conteúdo àquele que irá consumi-lo, é preciso que o Professor Autor de material para EaD busque traçar uma possibilidade representativa do aluno, pois, de acordo com Levy^[1], o que precisa ser aprendido não deve ser definido de maneira antecipada e, muito embora previamente planejado, poderá passar por (re) planejamento. O teórico postula que está sendo cada vez mais impossível canalizar programas e currículos válidos para todos, o que gera a necessidade de se (re) construir

novos modelos de espaço de conhecimentos cada vez mais aproximados e adequados aos interesses dos alunos.

Nesse contexto, considera-se de suma importância atentar para a representação social do corpo discente. De acordo com Moscovici^[2], as representações sociais concretizam-se no e pelo discurso. Isso ocorre na interação virtual presente nos cursos oferecidos pela EaD, a iniciar pelo período de interação e integração oferecido na primeira semana de estudos, assim como uma análise do perfil que esse aluno postou em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ao iniciar o seu curso.

Interagindo virtualmente pela EaD, todos os envolvidos colocam em prática o seu discurso, ou seja, ao ser inserido no contexto de aprendizagem cada qual colocará em prática o seu *querer-dizer intencional baseado nos dizeres do outro conforme postula van Dijk*^[3]. Tal assertiva permite ao Professor Autor moldar a continuidade do processo de construção interativa de conhecimentos, após verificar também os dados postados no perfil do seu corpo discente.

Em se tratando do processo de ensino/aprendizagem proposto pela EaD Matos e Scharpf^[4], após analisarem os postulados teóricos de Placco (2002) afirmam existir nessa modalidade de ensino a necessidade da presença da afetividade e a corporalidade a serem vistos como requisitos indispensáveis ao processo de alteridade vivenciado pelo Professor Autor de EaD, pois, segundo eles, este profissional precisa se preocupar não somente com as questões pedagógico-metodológicas, mas também com as relações interpessoais vivenciadas no decorrer do processo de interação movidas pelo interesse do ensinar/aprender.

Nesse sentido, entende-se que a afetividade seria para o Professor Autor uma atenção voltada ao afeto, aceitação, cumplicidade, solidariedade, necessidades do corpo discente Já a corporalidade traz para esse profissional conhecimentos do aluno que estejam relacionados com a sua dimensão técnica, política, humana-interacional, crítico-reflexiva, avaliativa, estética, cultural, ética, dentre outras, desde sejam julgadas como necessárias, podendo servir de base para a proposta de ensino.

Dentro dessa linha de raciocínio, de acordo com Orlandi^[5] a autoria de um texto traz consigo a possibilidade de exílio do sujeito autor ao pretender externalizar o que ele considera essencial ao aprendizado significativo do aluno. Ao colocar em evidência a sua subjetividade, a escrita desse profissional concorrerá com o fortalecimento do perfil identitário e singular de toda a produção acadêmica, assim como o que ele consegue captar de informações do seu corpo discente uma vez que essa dialógica de informações permitirá atender os quereres da filosofia de ensino proposta e perseguida pela Instituição de Ensino a Distância.

Segundo Maingueneau^[6] a construção de todo o *dizer do Professor Autor* precisa basear-se em referenciais teóricos suficientes e capazes de dar sustentação ao próprio discurso estruturado conforme objetivos presentes no Plano de Aula e apoiados pela roteirização do conteúdo a ser trabalhado durante as gravações das web aulas adequadas ao *saber-dever-dizer* representativo para a aprendizagem do aluno. É nesse instante que a presença da linguagem dialógica se faz necessária, pois só assim a aula não será somente uma transmissão de conteúdo, mas um diálogo constitutivo de troca de conhecimentos.

Tendo em vista a intenção de dar continuidade aos estudos e reflexões propostos no decorrer da elaboração desse trabalho, nesse instante, insta-se a necessidade de se retomar o conceito atribuído ao discurso, por caracterizar a expressão da vontade represada na subjetividade do docente conteudista da EaD, haja vista que, ao externalizar o seu *querer-dever-dizer* intencional ^[3] ele o faz mediante ancoragens realizadas com base em objetivos anteriormente pré-estabelecidos e grafados no Plano de Aula e também por ter navegado nas águas da possível representação social do seu aluno, o que permitirá moldar o material da EaD.

À luz da visão social da noção de discurso, segundo a visão teórica da Análise Crítica do Discurso (ACD), com vertente sociocognitiva, cabe aqui destacar que, de acordo com ^[3] o discurso é uma construção textual dotada de intencionalidade e, por este motivo, ao criar-se um texto, seja ele escrito ou oral, o autor constrói memórias postas em constante movimento e que vão da

singularidade à alteridade, pois, em razão de ser a arte de discursar uma prática social constituída com base em processos de interação entre indivíduos aproximados por interesses em comum, nesse prisma, ao elaborar e expor a sua aula no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), o Professor Conteudista também tende a representar-se perante o aluno não somente como um detentor de saberes, mas como um indivíduo capaz de construir, desconstruir e reconstruir saberes compartilhados, provocando desequilíbrios e desafios que estimularão a aprendizagem do corpo discente.

Nesse contexto, afirma com louvores a Amossy^[7] ao mencionar que o discurso, quando elaborado de forma adequada, inspira confiança naquele que está disposto a consumi-lo, pois se os argumentos são sábios, sinceros, razoáveis, honestos e equânimes, o enunciador desse discurso estará firmando um contrato de adesão com o seu público.

A materialização do discurso presente nos materiais da EaD são representados em língua, ou seja, a produção textual escrita ou oral compreende remar pelos interiores da pragmática de origem linguística e semiótica, nesse entremeio, cabe ao Professor Conteudista atribuir significados ao seu *querer-dizer* intencional recorrendo ao emprego de recursos linguísticos capazes de dar conta da sua “vontade discursiva”.

Dados estatísticos comprovam que um material de EaD elaborado e enriquecido com recursos gráficos, visuais, sonoros e tecnológicos, tais como vídeos e imagens, são capazes de contribuir significativamente, pois diversificam as maneiras de ensinar, além de atender aos diferentes modos e dificuldades de caráter heterogêneo presentes no oceano da aprendizagem veiculada na modalidade a distância.

3. A presença da Alteridade e Autoria na Produção de Materiais

A necessidade de capacitação do Professor Conteudista trouxe uma preocupação com a construção do seu discurso acadêmico, tendo em vista que mudanças são necessárias na forma de *querer-ensinar*, em razão da inexistência da interação aluno/professor, indispensáveis para o sucesso da EaD.

Dentro dessa perspectiva, objetiva-se refletir sobre o lugar de destaque que a escrita dialógica deve tomar durante o processo de produção de materiais para a EaD, haja vista ser o único “ser” capaz de representar a presença do Professor Conteudista no processo de interação Professor-Conteúdo-Aluno.

Nesse sentido, o discurso de autoria do Professor Conteudista permite que ele, além transferir conhecimentos aos alunos assumindo a condição de protagonista, possa também fazer com que este passe a ser protagonista durante o processo de ensino/aprendizagem interativo, pois, desta forma, será possível compartilhar conhecimentos de forma agradável (re) construindo saberes significativos. Assim é a prática da alteridade na EaD, ou seja, a capacidade de moldar o seu discurso a partir das informações que absorveu do outro durante a sua prática educacional interativa.

De acordo com Schons^[8] a escrita pressupõe um saber discursivo capaz de determinar a produção de sentido e, principalmente a posição dos sujeitos no decorrer do ato comunicacional direcionado a concretizar uma aprendizagem.

Desta maneira, ao escrever, o Professor Conteudista reveste-se da condição de sujeito-enunciador que será, em seguida, representante da condição de sujeito-autor, a fim de que possa propor experiências significativas de aprendizagem ao procurar representar-se não como o único protagonista da interação, mas como aquele que se representa e busca compreender a forma como o outro se representa também. Isso se dá pelo discurso individual representativo e constituído em língua, ou seja, carregado de significados e identidade tanto do docente quanto do discente (Fairclough)^[9].

4. Considerações Finais

Pretendeu-se, aqui nesse trabalho, propor uma reflexão voltada às diferenças de escrita de materiais produzidos para a EaD em relação àquilo que se define como material didático disponibilizado e veiculado na modalidade de ensino presencial.

Ao mencionar a diferença existente na produção de material de EaD ao compará-lo com a produção de material do ensino presencial, objetivou-se caracterizar que tais divergências decorrem da forma diferente de se interagir com o outro, ou seja, enquanto no ensino presencial existe a interação social ocorrida em sala de aula, na EaD tal interação não acontece, pois trata-se de uma interação virtual, cujo material produzido entra em contato com aluno e não com a pessoa do professor.

Justificativas postas, foi possível comprovar a necessidade de mudança na forma de elaborar o material para a EaD, não só na escrita, mas pela necessidade de buscar informações a respeito do perfil do corpo discente criando uma representação social deste, para que possa, com isso, alinhar todo o seu saber à necessidade de aprender do outro, ou seja, aquele que assume um papel diferente no processo de interação virtual.

Discutiu-se também que, na intenção de melhor construir o seu *querer-dever-dizer* intencional, o profissional docente da EaD busca melhor externalizar, em língua, toda a sua subjetividade acompanhada do ato de singularidade representativo capaz de indicar a movimentação de memória provocada pela melhor forma de veicular o saber acadêmico.

Por vivenciar a Educação a Distância, ainda nos dias de hoje, uma visão preconceituosa de que sem Professor em sala de aula não há aprendizado, esse trabalho mostra que poderá sim ocorrer um aprendizado com resultado considerado significativo se o Professor Conteudista for capacitado para isso, compreendendo que essa experiência difere sim do ensino presencial, desde que esse profissional entenda que recursos tecnológicos, languageiros e comunicacionais são capazes de promover uma interação virtual significativa.

Resta ao Professor Autor compreender o seu papel no discurso de autoria, conscientizando-se da necessidade de compreender também a presença da alteridade no seu discurso acadêmico, atentando-se para a prática de uma linguagem mais dialógica, para que o aluno sintá-se acolhido e, assim, consiga acreditar que, mesmo distante, haverá uma troca de conhecimentos com resultados positivos estatisticamente comprovados nesse oceano do aprender/ensinar.

Referências

- [1] LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- [2] MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed.. Petrópolis, 2007.
- [3] van Dijk. Teun A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- [4] MATOS, Hugo A. & SCHARPF, Luciana. **Afetividade e sensibilidade: alteridade, coporalidade na modalidade de ensino a distância**. Disponível em http://hamatos.files.wordpress.com/2011/03/ead_alteridade.docx/acesoem06/07/2014.
- [5] ORLANDI, Eni P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos. Reflexões em análise do discurso e psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 21 - 30.
- [6] MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2008.
- [7] AMOSSY, Ruth. (org.) **Imagens de si no discurso: a representação do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- [8] SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, Carme Regina & RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). **Questões de Escrita**. Passo Fundo: UPF editora, 2005, p. 138 - 156.
- [9] FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Editora Universidade de Brasília, 2008.
- [10] ALVES, Shirley M. **A ética nas relações entre tutores e alunos em ambientes virtuais de aprendizagem: um olhar bakhtiniano sobre a identidade e a alteridade**. Disponível em www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano4.../LINGSALVES.pdf/acesoem06/07/2014.
- [11] RESENDE, R. L. S. M. **Fundamentos Teórico Pedagógicos para EaD**. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/055tcb5.pdf>>. Acesso em 01 out. 2013.